

A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano

Michael Lowy

Boitempo Editorial. São Paulo, Brasil, 2014, 138 págs.

Fábio Py

École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, Francia.

Email: pymurta@gmail.com

“Os filósofos apenas interpretam o mundo de diferentes maneiras, trata-se, porém, de transformá-lo.” (Marx, *Teses sobre Feuerbach*)

Após a reedição no Brasil das obras mais antigas de Michael Lowy, chega ao público um livro publicado em 2013, na França, que aborda os interesses mais recentes da produção do professor do *Centre d'Études Interdisciplinaires des Faits Religieux* (CEIFR - centro misto do *École des Hautes Etudes em Sciences Sociales* [EHESS]). Em seus outros livros, o intelectual vinha explorando uma hermenêutica do romantismo e dos movimentos libertários, agora ele retorna com uma temática mais voltada à ciência social (clássica), preocupando-se mais detidamente com Max Weber e suas categorias que tanto serviram para renovação do pensamento crítico. Isso foi confessado pelo autor ao assumir que por Weber (e de seu Círculo de Heidelberg) tornou-se sociólogo das religiões: “entrei para a religião” (p.11). Lowy referenda, assim, que o marxismo poderia ganhar potência ao incorporar certas contribuições de Weber permitindo no livro, a construção da tendência de um marxismo weberiano.

Já nas primeiras palavras do livro, Michael Lowy sinaliza que em Max Weber se tem um “pessimismo cultural (Kulturpessimismus), seu diagnóstico implacável da civilização capitalista burocrática – dura como aço” (p.12); apesar disso, ele não deixa de reconhecer também os desacordos de Marx e Weber que vão desde a política até os dados metodológicos. Para ele, se de um lado Weber é conservador político, Marx é revolucionário. Quando tratam do capitalismo, contudo, eles apresentam aproximações embora a questão da gênese do capitalismo seja um “dos pontos de discordâncias de ambos” (p.19). Em Marx, a origem do capitalismo viria da acumulação primitiva do capital; em Weber, por sua vez, viria do “capitalismo moderno legal” do qual se origina a inspiração da ética protestante. Também em Marx, o capitalismo se vincula com a violência e a religião fazendo-se causa/reflexo do estabelecimento do sistema capitalista. Já em Weber, segundo Michael Lowy, o “espírito do capitalismo somente poderia ser resultado de certas influências da Reforma” (p.22).

Mais adiante, o autor se preocupa em apresentar os fragmentos das obras que demonstram que Weber teria sido embevecido por Marx, quando, por exemplo, usa o “materialismo histórico de Marx para incitar seus limites” (p.26), como ocorre no texto “Anticrítica”. É taxativo no entendimento de que “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” foi lido como texto antimarxista pelos círculos acadêmicos que tendiam a refutar, no geral, o materialismo histórico. Lowy também destaca outros instantes anticapitalistas das obras de Weber como as discussões das seguintes ideias: a questão da desigualdade das riquezas, a exploração dos trabalhadores, a inversão dos meios e os fins, e por fim, a submissão a um mecanismo todo poderoso denominado por ele como um “aprisionamento por um sistema que nós mesmos inventamos” (p.38).

Voltando ao dado do pessimismo cultural (*Kulturpessimismus*), Michael Lowy entende que, além de Weber, essa forma de se posicionar no Mundo pode ser percebida em Nietzsche, Mann, Spengler e em Walter Benjamin, e favorece seu interesse revolucionário construindo-se, assim, como uma “dimensão do pensamento multipolar” (p.42). O pessimismo pode ser percebido na “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” (de Weber), quando, por meio de Goethe, escreve: “a renúncia era de um tipo de humanidade bela e realizada, que não se repetirá mais, no decurso de nossa cultura, como não se repetiu, na Antiguidade, a época do apogeu de Atenas” (p.47) – passagem típica do romantismo resignado moderno. Para Lowy, outro mérito de Weber foi de trazer para a reflexão social a metáfora da “A jaula de aço”, como uma paisagem primitiva (petrificada) que retira a liberdade do homem demonstrando que o filósofo de Heidelberg não acredita na “afinidade eletiva entre o capitalismo e a liberdade” (p.56).

O autor assume a ideia de “afinidade eletiva” (*Wahlverwandschaft*) de Weber utilizada em algumas obras. O termo tem uma história anterior aos escritos do filósofo, sendo primeiro encontrado na química de Berman, de onde o romancista Goethe tirou o título do seu romance *Die Wahlverwandschaften* (1890), quando significava o “movimento passional pelo qual o homem e mulher são atraídos um para o outro (...) a partir da afinidade íntima entre suas almas” (p.62). E que, ao se inserir na cultura germânica, ganha cores na Ciência Social por meio de Weber, quando na “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” o expõe para mostrar que o “conceito de *Wahlverwandschaften* é, em primeiro lugar, a existência de elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico” (p.64). O termo “afinidade eletiva” pode ser usado de formas variadas que vão desde o campo religioso até as ações comunitárias; como Weber não se preocupa em defini-lo, contudo, Michael Lowy propõe o seguinte corolário: “é o processo pelo qual a) duas formas culturais/religiosas, intelectuais, políticas, ou econômicas ou b) uma forma cultural e o estilo de vida e/ou os interesses de um grupo social entram, a partir de certas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentido, numa relação de atração e influência recíprocas, de escolha ativa, de convergência e de reforço mútuo” (p.70).

Depois da “Afinidade eletiva”, o autor passa a “Afinidade negativa” entre as éticas católicas e o espírito do capitalismo em Weber. Embora o filósofo não tenha escrito um livro sobre o tema, ele produz um subtexto da “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” delineando que o catolicismo é “pouco favorável ao espírito do capitalismo” (p.77), permitindo, nele, ter “uma aversão tradicional, vivenciada na maior parte do tempo de maneira surda a crescente potência impessoal do capital” (p.77). No texto “O Estado e a hierocracia”, assume que o catolicismo seria uma religião exemplar na desconfiança em relação à ascensão das forças econômicas, passando a definir que todas as religiões com “hierocracias nutriam uma antipatia pela força estranha do capitalismo” (p.81) e da modernidade. Por isso, a Igreja Católica fez-se refúgio das camadas tradicionalistas mundiais ameaçadas pelo avanço do capitalismo.

Existe, portanto, um histórico de éticas católicas anticapitalistas, como o catolicismo utópico de Thomas More, produtor do romance “A Utopia” de 1516, quando, antes de Marx “denuncia a acumulação primitiva de capital” (p.88). Outros autores ligados ao catolicismo anticapitalista foram Johannes von Baader (relacionado à cultura romântica) e Charles Péguy – que traçou uma crítica à sociedade burguesa contra o chamariz da acumulação do dinheiro; o que permitiu a Péguy fundar uma tradição francesa anticapitalista progressista cristã junto a Emmanuel Mounier.

Na sequência do livro, após deter-se na figura do filósofo de Heidelberg, Michael Lowy passa à recepção à sua obra com Ernst Bloch, Walter Benjamin e Erich Fromm. O primeiro foi participante do Círculo de Heidelberg e inventor do termo “O capitalismo como religião” (p.95), escrito no livro “Thomas Munzer: teólogo da revolução” (de 1921) onde utiliza a ideia da análise de julgamento do valor de Weber sobre o papel do calvinismo no espírito do capitalismo, possibilitando uma crítica a razão de capitalismo com suas origens protestantes. Outro influenciado por Max Weber foi Benjamin com seu título o “Capitalismo como religião” (de 1921) – fragmento enigmático não destinado à publicação.

Nele, inspira-se na “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” tanto no corpo do texto quanto nas referências bibliográficas, ao dizer que se pretende “demonstrar a estrutura religiosa do capitalismo, isto é, demonstrar que ele não é apenas uma formação condicional pela religião, como pensa Weber, mas um fenômeno religioso” (p. 97). O terceiro renovador do pensamento crítico influenciado por Weber foi Erich Fromm (associado a partir de 1930 à Escola de Frankfurt) quando, pelo filósofo de Heidelberg, assume a relação entre a ética religiosa e espírito do capitalismo. Fromm entende que na Idade Média católica havia espaço da busca pelo prazer que colocava “satisfação” como “fim evidente... ao espírito do capitalismo, que considera a poupança e a aquisição de fins essenciais” (p.109). Tal pensamento leva Erich Fromm a se distender da modernidade que afunila tudo em função do “dever”, tomando o lugar da alegria e da felicidade, impregnando de cinza a modernidade com o “*espírito protestante do capitalismo*” (p.110).

Na parte final do livro, o professor do CEIFR tratadas figuras que buscaram unir o marxismo e o weberianismo, num “marxismo weberiano” – expressão punhada primeiramente por Merleau-Ponty no livro “As aventuras da Dialética” de 1935, como “uma corrente marxista ocidental” (p.111). Para Merleau-Ponty, Georg Lukács foi o primeiro marxista a considerar seriamente Weber, chamando seu livro “História e consciência de classe” (de 1924) como início da corrente. O que pode ser avistado no capítulo central do livro sobre a “reificação” que, nas palavras de Michael Lowy, é “uma síntese poderosa e original da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx e da teoria da racionalização de Weber” (p.113); em Lukács, com o impulso do capitalismo, a reificação acaba abrangendo todas as formas da vida social. Outro membro do marxismo ocidental interessando em Weber foi Antonio Gramsci que se fez leitor da “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” nos seus “Cadernos do Cárcere” (1930) onde explicita as convergências sócio-econômicas do calvinismo (p.115). Ele entende, a partir do livro, que a doutrina da predestinação fora um dos impulsos de iniciativa/prática da história mundial, além de assumir a data da Reforma Protestante como “ponto de partida da história moderna” (p.116).

Já o marxista peruano José Carlos Mariátegui não deve ter lido Weber, mas teria tido acesso a trabalhos de autores que o explicitaram, contendo em seus escritos “passagens próximas as teses de Weber” (p.117). Na Escola de Frankfurt, a influência de Weber se vê no texto “Dialética do Esclarecimento”, de Horkheimer e Adorno; que percebem “a evolução histórica da civilização ocidental como processo milenar de desencantamento do mundo e da racionalização, cujo resultado é a sociedade industrial e burocrática moderna” (p.118). Por ele, ligam a racionalidade da mercadoria e da burguesia impregnando a lógica da vida moderna, levando-os a distinguirem entre dois tipos de racionalidade: a instrumental e a substancial. Como supracitado, houve esforços, na França, de um marxismo weberiano com Merleau-Ponty em suas “As Aventuras da Dialética” que formaliza um espaço de compreensão dos fatos históricos; não construindo um saber absoluto, mas a “verdade (que) deixa sempre uma margem de sombra” considerando “a liberdade do homem e a contingente da história” (p.122).

O desafio de Merleau-Ponty seria de renovar o marxismo com a ajuda de Weber levando-o a admirar Georg Lukács e assumindo que ter uma “visada weberiana” ajudaria a “escapar de sua transformação em dogma que proclama um fim da história” (p.124). Outros autores lembrados pelo autor são Pierre Bordieu e Jean-Maria Vincent –este último com formação marxista engajada assumindo que por Weber poderia livrar “o materialismo histórico dos resíduos do evolucionismo das formas vulgarizadas” (p.127). Já, o último autor descrito por Michael Lowy foi Habermas, intelectual que traça uma saída pelo “marxismo weberiano” tendo com ponto de partida Weber e Marx: “buscando superá-los” (p.128). O filósofo de Frankfurt não se interessa pela luta de classes (uma das chaves do pensamento marxista), ele propõe uma racionalidade ocidental como um fenômeno das sociedades modernas apostando num projeto “original das Luzes” por meio de uma racionalidade

alternativa chamada de “razão comunicativa”. Assim, Habermas, ao contrário de Weber, vislumbra uma racionalidade prática apontando para uma solução pragmática a fim de diluir os “conflitos de valores” modernos (p.134). Ele utiliza pontos das obras de Weber distinguindo dois tipos de afinidade racional, quando a “razão comunicativa permite aos indivíduos ou grupos em conflito uma reconciliação” (p.135).

Michael Lowy, entretanto, discorda de Habermas e seu “projeto das Luzes” (p.136), trazendo Weber para mais perto e assumindo seu modelo como mais lúcido do que de Habermas. Ele conclui que Weber se faz mais atraente para o marxismo do que “a utopia neorracionalista desse último [Habermas], mas baseia-se em ilusões tipicamente liberais” dos valores excludentes das “sociedades das Luzes” (p.135). Para o autor, os priorados weberianos seriam mais interessantes para a renovação do marxismo porque permitem afinar o corte incrementando-o com análises que não passaram originalmente pelos interesses do marxismo ortodoxo. Com o livro “A jaula de aço”, portanto, o autor tem interesse em trazer, com novos olhares, a renovação da heterodoxia marxista, por meio de Weber, de suas categorias e de uma variedade de autores do pensamento crítico que são influenciados pelo sociólogo de Heidelberg. Assim, espera-se que, com acesso ao livro em questão, surjam novos textos e práticas que auxiliem para a renovação do ideal revolucionário marxista; e, de outro lado, que sirva a reflexão da religião com impulsos (mais) embutidos nos debates historiográfico-sociais. Finalmente, no livro, foram entrelaçadas linhas de pesquisas que passam pelos ramos da Sociologia, História e do Marxismo desenvolvendo pontos que podem ajudar na depuração dos ramos das formas libertárias brasileiras.